



DE PAI PARA FILHO

THIAGO ESPÍRITOSANTO

FÁBIO CARRILHO



THIAGO ESPÍRITO SANTO

“FILHO DE PEIXE, PEIXINHO É”, DIZ O ANTIGO DITADO

popular. Se não fosse o fator paixão clubística, esta máxima se adequaria perfeitamente ao baixista Thiago Espirito Santo, cria de Arismar do Espirito Santo – o filho torce pelo Corinthians e o pai é fanático pelo Santos. Fato é que o virtuoso Thiago, além de sua genética privilegiada, bebeu muito das fontes sonoras de seus pais, Arismar e a pianista Silvia Góes, desenvolvendo uma linguagem muito própria que o transformou em ícone do contrabaixo elétrico brasileiro de sua geração. Além de fazer música instrumental, o músico integra o grupo O Teatro Mágico, que registrou o DVD **Recombinando Atos** em novembro de 2012, no Credicard Hall, em São Paulo. O lançamento do trabalho deve acontecer em maio. Aproveitando o gancho do papo com Arismar, conversamos com Thiago, que, mesmo ainda jovem, já completa 20 anos de carreira em 2013.

Você é filho de dois músicos conceituados. Como foi a sua formação musical? Aprendeu tudo dentro de casa?

Sempre foi uma coisa natural para mim ver meus pais nos ensaios, shows e saindo para tocar. Meu pai sempre gostou de receber o pessoal, então muitos músicos frequentavam e ensaiavam em casa. Cresci vendo as pessoas tocando em casa – para mim, era uma coisa comum. Quando eu era pequeno, não via o Arismar como o baixista que vejo hoje. Era o meu pai, que tocava! Só fui entender a importância dele na música brasileira perto dos meus 20 anos, quando já estava tocando profissionalmente. Foi quando entendi o quanto ele era respeitado pelas pessoas e pelo público.

Como era a convivência de vocês?

Muito bacana e natural. Eles ouviam a música que curtiam; eu ouvia a minha música, coisas que tocavam no rádio, que meus amigos da escola gostavam. Minha irmã Bia Góes, que é cantora, também ouvia o que ela queria. Não tinha essa de impor algo para nós ouvirmos.

Você “brincava” de fazer música com seus pais?

Houve fases. Quando bem pequeno, via os ensaios e depois fuçava em todos os instrumentos. Era amigo dos músicos e todos me incentivavam. Outro dia, tocando com o Teatro Mágico, encontrei em um hotel um amigo dos meus pais dessa época. Ele me lembrou de uma vez que fiquei cantando uma música do Hermeto Pascoal. Era um ambiente naturalmente musical. Aprendi muito, mas sem ter a mentalidade de “vou estudar música para conhecer música”. Aprendia simplesmente porque curti estar naquele ambiente. Acabei aproveitando muito. Hoje percebo como usufruí daquilo tudo, sem que tenha sido uma maneira imposta.

Quais foram as lições que aprendeu com eles?

Minha mãe sempre foi mais didática, pois foi professora de música. Até hoje, converso muito com ela. Quando comecei a dar aulas, ela me auxiliou muito. Não apenas o lance teórico, porque ensinar a tocar é outra coisa. Ela tem ouvido absoluto e uma facilidade harmônica absurda. Aprendi que é possível ter ouvido absoluto e, hoje em dia, também tenho. São 12 notas e ela me ensinou que cada uma delas possui um som e um nome. A partir daí, você vai praticando e acostumando seu cérebro com isso, para fazer acordes. Você passa a entender por que gosta de determinada música e não de outra, passa a enxergar as tonalidades que curte mais. Curto muito tocar em *Eb* e *Db*. São tons que soam agradáveis para mim. Com meu pai, acho que a grande lição foi aprender a ser espontâneo.

Você não é baixista por acaso. No que você ficava mais ligado em relação ao jeito de seu pai tocar contrabaixo?

Curti tudo. Ele é muito espontâneo e tem um reflexo muito rápido – harmônico, melódico e rítmico. É impressionante ver a capacidade que ele tem de ouvir e fazer o que deseja dentro da música.

Quando toco com ele, vejo que não preciso me preocupar com nada. Posso fazer o que quiser, porque tudo dá certo com ele tocando. Consegue fazer isso em várias situações – baião, samba, choro, jazz. Tem outra coisa que vejo como uma assinatura dele: o lance percussivo no baixo. Ele criou aquela onda de batucada, que é impressionante. Meu pai começou tocando bateria e conseguiu passar todo esse senso rítmico para o baixo, sem deixar de fazer a função do baixo! Consegue agregar um monte de ritmos dentro daquilo. Eu via e ficava chapado, mas não sabia o quanto difícil era fazer aquilo. Estou tentando até hoje.

Você normalmente se apresenta com baixo elétrico. Por que sua preferência por esse instrumento? Arismar, por exemplo, é fã de baixos acústicos.

Quando comecei a tocar baixo – antes eu arranhava um pouco de violão e bateria –, com uns 12 anos de idade, vi uma gravação do Jaco Pastorius e fiquei louco. Pensei: “É isso que quero tocar”. Para minha sorte, meu pai tinha um baixo sem trastes em casa, um Fender Jazz Bass 1969. Ficava tentando tocar. Às vezes, não conseguia muito bem, mas seguia tentando. Via meu pai tocar e sacava que ele também fazia coisas diferentes. Minhas duas referências iniciais no baixo foram meu pai e Jaco Pastorius.

E baixo acústico? Você nunca pensou em tocar?

Também toco, mas não divulgo. Quando as pessoas me veem tocar, até ficam surpresas. Sei tocar afinado por causa do fretless elétrico, que me ajudou bastante. Nunca me dediquei tanto ao acústico porque sou um pouco chato com a sonoridade. Você tem de ter uma mão muito boa para tirar som do acústico, aquele som de madeira. E o instrumento deve ser de boa qualidade, o que corresponde a um investimento muito alto. É difícil tocar, mas quando você toca em um bom baixo acústico, é maravilhoso! Certa vez, toquei em um baixo acústico francês de 150 anos em Nova York. O som era ótimo e o instrumento era muito confortável – não deu bolha nos dedos. Com aquele instrumento, dava vontade de estudar.

Você comentou sobre o lance percussivo que seu pai usa no contrabaixo, mas você também explora esse recurso. De que maneira enxerga o baixo, percussivamente falando? Poderia dar algum exemplo disso?

Quando você toca um afoxé, há espaço para criar no meio do groove – um lance percussivo. Meu pai faz muito isso – colocar uma parte da percussão no baixo, que pode ser tanto um tapping mudo, para fazer apenas o som agudo, como harmonizando, com a mão direita tocando na

oitava de cima, fazendo terças e sextas, terças e quintas, ou nonas. Ele consegue agregar essas levadas. Em samba, pode-se pensar as cordas agudas como sendo a caixa e as graves, como o bumbo. Meu pai fazia o repique, o corte e as preparações somando a mão esquerda com a mão direita, para não sobrecarregar apenas uma das mãos com as semicolcheias. Ele distribuía tudo isso nas mãos. Como ele já tem a noção do que funciona na levada, por tocar bateria, ele só passou isso para o baixo. É uma bateria, mas em outro instrumento.

Não é exatamente um tapping.

É um tapping dele. O conceito é esse, mas ele é muito mais percussivo do que a ideia do tapping mais técnico e virtuoso. Ele usa o tapping para somar ao groove e acompanhar. Estou muito mais ligado nisso hoje em dia do que antigamente. Tenho me preocupado mais em fazer o baixo soar grande e acompanhar. Vejo ele fazendo isso muito bem. O Arismar faz o baixo “abraçar” a música com muita facilidade. Poucos fazem isso no Brasil: Sizão Machado, Nico Assumpção, Arthur Maia...

Esse recurso percussivo não é muito simples de registrar em gravações. Como ajusta o som do baixo quando vai gravar algo nessa praia?

Quando é para tocar mais percussivo, depende muito do que vai ser tocado – se é um detalhe ou a música inteira. Depende também do estilo. Há cerca de quatro anos, eu tocava no grupo de gafeira Banda da Patroa, que minha mãe tinha decidido reativar. Tocava um baixo de seis cordas com os dois captadores abertos e o controle de tonalidade por volta do seis ou sete. Era um som bem cheio, mas um pouco mais brilhante, para obter peso, mas também conseguir o destaque do agudo para as partes



Pepe Brandão



INFO

MAIS ONLINE



› Ouça a música *Haikai*, com Thiago Espirito Santo no baixo. www.bassplayerbrasil.com.br



EQUIPAMENTOS DE THIAGO

BAIXOS - “Tenho três baixos N. Zaganin, sendo que dois são modelos signature Thiago Espirito Santo. Um deles é sem trastes, que é meu primeiro baixo. O outro é um vermelho de quatro cordas. O terceiro é um Precision – apaixonei-me pelo seu som e o tenho usado constantemente, inclusive é o baixo que uso no Teatro Mágico. O braço dos meus modelos assinatura é mais fininho, como o do Fender 1962. É um braço mais técnico, e o encaixe com o corpo tem um shape diferente, que facilita o acesso as notas agudas, uma ótima sacada do Zaganin!”

AMP - Aguilar Tone Hammer 500 e caixa Aguilar GS 112

CORDAS - “No fretless, uso DR Hi-Beam. Nos baixos com trastes, vario entre DR Sun Beam e DR Fat Beam.”



percussivas. Tem de haver o contraste do agudo com o grave e um som bem definido no amplificador. Essa definição é obtida pela prática. Você treina o peso da mão no instrumento. Se você toca muito leve, vai soar chocho; se tocar forte, será um tapa. É preciso administrar isso e aprender a tirar som. Sempre lembro do meu pai dizendo para mim quando criança: “Você tem de pegar o instrumento e aprender a tirar som dele”. Não entendia nada, pois abria o volume e já estava saindo som do baixo [risos]! Hoje, entendo o que ele queria dizer com “tirar som”. Cada pessoa tem o seu. Não depende do instrumento, depende da mão, e isso não quer dizer que o som de um seja melhor do que do outro. E também é muito difícil colocar a sua personalidade no seu som. Você sempre pega alguém de referência e vai lapidando com sua pegada e seu equipamento. Depois, é uma questão de você conseguir levar seu equipamento para todos os lugares onde for tocar, para ter sempre o mesmo som.

Uma das características do seu estilo é que você gosta de improvisar com o baixo como se fosse uma guitarra ou um sax. Como foi o seu estudo para desenvolver o improviso? Gostava de transcrever solos?

Nunca coloquei no papel, mas sempre aprendi muito escutando discos. Algo que aprendi com minha mãe foi tocar sempre prestando atenção no que cada integrante do grupo estava fazendo. O improviso é o comentário do músico – a maneira como ele sente – sobre uma sequência de acordes. Alguns caras me chamaram atenção fazendo isso e comecei a ouvi-los. Outros me deram toques, como o Tomati, Michel Leme, Pepe Cisneros, Bruno Cardozo, Wilson Teixeira, que era a galera com quem eu convivia. Eles me davam dicas de gravações, dos estilos desses improvisadores. Há várias vertentes. Existem aqueles caras mais técnicos e virtuosos, que procuram outra emoção, diferente dos que procuram ser mais rítmicos. Acho bacana dosar isso. A prática da técnica deve ter um objetivo, para você conseguir dizer algo com aquela velocidade. Algo que percebi é que você improvisa muito melhor na sua cabeça e “de boca” do que no instrumento. Há uma falta de comunicação do seu cérebro com a sua mão, e você precisa entender por que isso acontece. Quando você estuda, está praticando uma mecânica, não está praticando o que sente e o que pensa. É vivência. Conforme você vai se soltando, é uma alegria que não tem preço.

Você pensa em escalas?

O tempo inteiro. Não penso no nome delas. Para os meus alunos, não passo escalas com nomes como “menor melódica” ou dos modos gregos. Penso sempre no acorde. Sei o seu som, as notas que formam esse acorde e conheço a escala daquele acorde de cabo a rabo no meu instrumento. Quando aparece aquele acorde, sei o que fazer em cada região do braço. A partir daí, vou pensar na parte rítmica, em criar melodia, em nuanças. O improviso tem de ser bem-humorado, não pode ser maçante. Improvisar é bom para quem está fazendo. Para quem está ouvindo, tem de ser legal e objetivo. Para você fazer um solo de dez minutos, precisa estar com uma inspiração daquelas! Quando tocar com outros músicos, tem de estar sempre ligado no que eles estão fazendo. Isso é o que faz você estar vivo no som.

No jazz, músicos costumam parar quando o baixista está improvisando.

Não curto muito quando ficam apenas eu e o baterista! Você fica



THIAGO ESPÍRITO SANTO



Pepe Brandão

ali, acompanhando os outros solos, colocando sempre “na cara do gol”, e na hora do seu solo todos param? Os músicos precisam estar ligados, até para saberem quando você vai entregar o seu solo. Isso significa intimidade entre os músicos.

Você tem sua carreira solo, mas atua também como sideman. Como é sua postura nesse tipo de trabalho?

Com Oswaldinho do Acordeon, é algo natural, porque ele conhece meu som e eu conheço o dele. Ele chega com uma partitura e vou complementando o que ele toca. Sempre pergunto como ele quer a levada – se mais para cima, com mais notas ou menos notas. Procuo deixá-lo à vontade, porque trata-se do trabalho dele. É importante sempre perguntar o volume que o cara gosta que você toque, a intensidade da levada, o tipo de baixo que ele quer que use. Gosto de tocar fretless, mas no Teatro Mágico

e com Oswaldinho do Acordeon, toco baixo com trastes, porque o som pede essa sonoridade. Em primeiro lugar está a música da pessoa que te chama para tocar. É o som dele.

Já houve casos em que você teve de tirar por sua conta músicas que não conhecia?

Sim. Por exemplo, com o bandolinista Hamilton de Holanda. Cheguei de viagem em um domingo, peguei as partituras com ele no mesmo dia e fiquei a segunda-feira inteira estudando as músicas, pois iríamos tocar na terça-feira, sem ensaio. Foi uma porrada – 16 músicas!

Você falou do Teatro Mágico. É um trabalho diferente dos que você costuma fazer, pois é uma banda pop. Como tem sido essa experiência?

Maravilhosa, sob vários aspectos. Sempre gostei de pop e toquei muito cover. É muito bacana tocar pop com uma banda que tem certa

expressão no mercado, que trabalha bem, realiza muitos shows, tem um público que vem crescendo e me dá um espaço generoso. Nesse trabalho, fico focado em fazer um bom groove de pop. O cara vai lembrar da linha de baixo, e não tenho de improvisar muito. Há apenas um solo na penúltima música, em que improviso. O Fernando Anitelli, cantor do Teatro Mágico, me apresenta como um cara que tem uma carreira na música instrumental. É legal, porque também estou ganhando um público novo. Outro dia estava em casa, montei a pedaleira e fiz uma twitcam. Quando entrei para tocar, havia cem pessoas esperando! Era um público que veio, em grande parte, do Teatro Mágico. Pediam músicas da banda. Temos de ter uma consciência de formação de público, porque o músico depende muito de shows para trabalhar. Gosto muito de estar no palco, acho que é um lugar sagrado. **BP**